

Literatura *de fora*: quando a arte literária encontra a rua

Maurício Silva*

Introdução

Observar a cidade é uma experiência única, que pode ser vivenciada sob as mais diversas perspectivas e das mais variadas maneiras, já que o espaço citadino permite uma gama infinita de interações e vivências, singularizadas pelo modo como cada um de seus habitantes *apreende e pratica* a experiência urbana. Por isso mesmo, podemos dizer que a cidade possibilita um inumerável e indescritível conjunto de intersecções, tornando essa experiência não apenas complexa, no que ela encerra de diversidade e pluralismo, mas também profunda, no que ela conserva de densidade e vigor.

Semelhantes intersecções podem ser facilmente percebidas quando se pensa, para darmos apenas um exemplo, nas incontáveis manifestações artísticas que povoam o espaço urbano, que, configuradas como expressões do que se convencionou chamar de *street art*, revelam-se sob as mais variadas formas: poemas visuais, grafites e estênceis, *performances* e colagens, projeções midiáticas e muitas outras. Nesse tipo de manifestação artística – que tem por princípio afirmar-se como expressão anti-hegemônica e por objetivo ocupar espaços alternativos das cidades –, percebemos um deliberado projeto “intercultural”, em que linguagens distintas assumem posições igualitárias e não hierarquizadas, ressignificando não apenas o espaço citadino, mas, principalmente, a própria produção artística, num claro confronto ao que Néstor Canclini (2012) definiu como uma *sociedad sin relato*, constituída por intermédio de uma arte contemporânea que, ao ceder aos impulsos da globalização e do neoliberalismo, perde suas referências históricas.

Nesse contexto, o diálogo entre cidade e literatura, mais do que possível, torna-se um imperativo, levando à rearticulação da criação literária, que, diante dos novos desafios que se lhe impõem, busca saídas por meio de outras formas de expressão, seja pela reconfiguração de seus suportes de veiculação da mensagem artística, seja pela

* Doutorado e pós-doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Nove de Julho (São Paulo).
E-mail: maurisil@gmail.com

reestruturação de seus componentes fundamentais, seja ainda pela ressemantização dos valores e princípios que fundamentam e definem sua própria natureza. Assim, a literatura que se delineia nesse novo e inesperado contexto é, no fim das contas, uma literatura que se produz na rua, para a rua e pela rua, assumindo novos contornos e inusitados modos de exteriorização figurativa.

Há, atualmente, um movimento no sentido de deslocar o eixo da produção literária – bem como de seus modos de legitimação, suas formas de institucionalização e suas práticas de recepção –, que, de certo modo, liberta-se das amarras historicamente vinculantes a uma série de estratégias e posicionamentos que a definiram a partir de um paradigma restrito de procedimentos social e culturalmente estabelecidos (grafocentrismo, cultura livresca, recensões críticas etc.). Desse modo, a literatura não apenas sai à rua, como também faz dos territórios da cidade um espaço visceral de criação e de divulgação de suas produções, tornando-os elemento integrante de sua conformação estrutural.

Não se pode esquecer, em todo o contexto aqui descrito, o papel fundamental desempenhado pela educação, em seus vários processos de seleção, reprodução, divulgação, mediação, legitimação e escolarização do texto literário. Aqui, estamos falando não propriamente de produção (embora, seja possível pensar também neste sentido) do texto literário, mas, mais especificamente, de sua “didática”, já adentrando o âmbito igualmente complexo e polêmico das práticas de ensino de literatura. A pergunta que se faz, no sentido de demarcar a interface entre conceitos aqui propostos de início, seria: como promover um encontro eficaz – do ponto de vista de se obter resultados práticos, a partir de um objetivo traçado – entre literatura, prática de ensino e a cidade como território educativo não formal? Em outras palavras: como vincular todos esses conceitos, a fim de, por meio de práticas extraescolares, explorar o espaço citadino como *locus* privilegiado de uma prática docente não formal voltada para o ensino da literatura? Desse modo, busca-se não apenas outro entendimento da prática de ensino como processo versátil de aprendizagem, mas, sobretudo, uma nova compreensão da própria literatura como ação *política* – também vinculada à ideia de *πόλις/pólis*, termo lexicogênico de *cidade* –, que não prescinde do papel reservado ao leitor no processo de constituição dos sentidos do texto literário, confirmando a máxima de Umberto Eco (1995, p. 41), para quem “[...] ogni testo è una macchina pigra che chiede al lettore di fare parte del proprio lavoro”.

A literatura *de fora*: projetos, ações e território urbano

As questões acima expostas não adquirem seu pleno sentido, se não considerarmos a ideia de que a literatura se faz *também* no contexto das ruas das grandes cidades, no qual ela assume sua fisionomia, se não mais “popular” e democrática, ao menos mais acessível e em consonância com a dinâmica urbana da atualidade. Daí a proliferação de manifestações artísticas – especialmente aquelas voltadas para a produção literária, no sentido lato do termo – por toda a cidade, seja em bairros periféricos, seja em regiões mais centralizadas e culturalmente mais bem equipadas, como comprovam a ocorrência dos saraus nos centros culturais, nas bibliotecas, em equipamentos públicos diversos e até mesmo nos bares; dos *slams*, que acontecem nas praças públicas, nas escolas ou nas estações de metrô; da poesia visual, que povoam os muros das cidades, por meio de pôsteres, pintura, *stickers*, faixas ou os famosos cartazes “lambe-lambes”; das batalhas de MCs, que tomam conta das praças e ruas; e muitas outras.

Trata-se, em poucas palavras, de atividades que se expressam sob formas diversas – tanto se pensarmos em um novo código linguístico que se impõe quanto se considerarmos os novos suportes alternativos que emergem – e atravessam os limites padronizados de *sistemas literários* canônicos e tradicionais, pressupondo não apenas a existência do modelo triádico, composto por autor, obra e leitor, mas também a contingência de coletivos, públicos diversos, instrumentos variados de veiculação do “texto” literário, práticas alternativas de elocução etc. Como lembra Ivete Walty (2014), em singular trabalho sobre produções alternativas no espaço urbano, renovados fenômenos estéticos sugerem a adoção de novas linguagens num universo de fronteiras deslizantes e difusas, compelindo, inclusive, a “[...] outros operadores de leitura e análise” (p. 237).

A considerar a sugestão de Henri Lefebvre (1983), expresso na epígrafe deste artigo, pode-se encontrar poesia espontânea na mais vulgar cotidianidade dos espaços urbanos, uma vez que, podemos dizer sem exagero, a poesia está presente em todos os lugares, em todas as esferas da ação humana, enfim em todo signo natural ou motivado com que nos deparamos em nosso dia a dia. Na verdade, basta saber olhar e ler suas marcas, por meio das quais são construídos universos semânticos que lhe conferem sentido e valor distintos. O termo “poesia”, aqui, é tomado como metáfora – embora possa, também, ser empregado no sentido literal, explicitamente vinculado aos “[...] caminhos da poesia de rua” (VIANA, 2020, p. 73) –, representando toda manifestação estética associada à “escritura” literária, capaz de se exprimir oral ou graficamente. Desse modo, a cidade escreve e é, ao mesmo tempo, escrita por todos aqueles que a

habitam, mas parece só poder ser efetivamente traduzida pelos artistas de/da rua, verdadeiros “oráculos” da contemporaneidade.

São muitas, nesse sentido, as experiências literárias *de fora*, que podem ser narradas. Cumpre, antes, esclarecermos o que queremos dizer com esse adjunto qualificador: por literatura “*de fora*” queremos nos referir àquela que é produzida, divulgada e recepcionada fora dos limites canônicos e tradicionais das instâncias de legitimação artística, como as escolas, as academias, a imprensa, os veículos de comunicação e midiáticos etc., sem demérito do papel que tais instâncias desempenham na sociedade. Trata-se, contudo, de uma produção literária que se encontra à margem do hegemônico e nos interstícios dos discursos formalizados, que se constrói como marca divergente dos códigos estabelecidos e das escrituras protocolares, enfim que se revela e se desvela como indício de transgressão às estruturas preestabelecidas e aos modelos institucionalizados de produção estética. Uma literatura *de fora* é, essencialmente, uma espécie de antiliteratura, no sentido lato do termo, na medida exata em que se manifesta como efeito dilatado de ações políticas de resistência e de antagonismos, infringindo as regras e transgredindo as normas, imiscuindo-se nas frinchas, nos veios, nas rugas e rugas, extraviando os sentidos e diluindo as fronteiras. Buscando a tensão em vez da distensão, o assistemático em vez do regular e a incompletude em vez da conclusão...É, em uma palavra, a *derisão* do estatuto da própria literatura, numa poética desviante, curvilínea, enviesada. Seu *locus* por excelência é a própria rua, esse espaço anárquico e intransigente, fluido, sinuoso e desconexo, mas, ao mesmo tempo, efervescente e fecundo de possibilidades enunciativas.

Aqui nós buscamos ver a relação entre literatura e cidade numa perspectiva que destoa da tendência – bastante comum, nos meios críticos atuais – ao destaque dos modos de expressão hiper-realistas, que emergem como manifestações de violência no espaço urbano contemporâneo e tem repercussões diretas na produção literária do presente (GUINZBURG, 2012; SCHOLLHAMMER, 2013). Para nós, a cidade – vinculando-se a um amplo projeto literário não formal, de explícita intencionalidade política – pode e deve constituir-se num *espaço formativo*, não no sentido “pedagógico” do termo, que pressupõe uma visão “funcionalista” da literatura, mas como ambiente propício às manifestações libertárias da expressão artística, no sentido baudrillardiano do termo, segundo o qual, mais do que desobedecer às leis e às regras morais, a liberdade plena acomete aqueles que sabem desobedecer a si mesmo (BAUDRILLARD, 2002).

Na contemporaneidade, falar dessa relação é, antes de tudo, estabelecer novos protocolos de leitura e recepção do texto ficcional, uma vez que a dicção literária sofre

o impacto direto do que se tem nomeado de pós-ficção ou literaturas pós-autônomas (LUDMER, 2010), colocando sob suspeição até mesmo a crítica literária (MIRANDA, 2018). O próprio presente, compreendido como um tempo pós-utópico, assinala as incongruências da contemporaneidade, em que literatura e experiência urbana, como sugere Renato Gomes (2000, p. 30), aliam-se de modo definitivo, no intuito de autopreservação existencial, por meio de trocas reais e simbólicas:

[...] o olhar plural que essa literatura [contemporânea] constrói procura representar a experiência urbana, já em si substituída, na modernidade, pela vivência do choque, e foca a cidade polifônica a partir, portanto, da contemporaneidade, considerando o espaço urbano como o lugar privilegiado de intercâmbio material e simbólico, traço que sublinha as contradições e desigualdades internas das cidades.

A literatura *de fora*, portanto, por sua própria essência controversa, é, ao mesmo tempo, múltipla e complexa. Ocupando o espaço citadino, desdobra-se numa miríade de vozes e discurso, posicionamentos políticos, expressões culturais, formas sem fôrmas que se desdobram e se fragmentam pelas ruas da cidade, por seus muros e edificações, sem pudor algum. Ao dialogar com determinada postura ideológica explícita, essa literatura assume, ainda, um posicionamento geopolítico claro, vinculante, tomando a tensão centro-periferia (OLIVEIRA, 2020) como ponto de partida de suas amarras com o espaço urbano. É precisamente a partir dessa tensão que queremos tratar, aqui, de duas destas manifestações literárias *de fora*, em que o vínculo literatura e cidade – ou, mais objetivamente, literatura e rua – estão claramente definidos e colocados, fazendo dessas expressões amostras exemplares das associações que aqui vimos propondo: trata-se da literatura produzida nos saraus e nos *slams* das periferias (nem sempre tão periféricas assim!) da cidade de São Paulo.

A voz das ruas: saraus, *slams*...

A literatura que se produz na rua, para a rua e pela rua sinaliza, de alguma maneira, uma fissura num sistema de códigos e discursos prévia e tradicionalmente consagrado pela sociedade letrada, pelas *gens de lettres* (GOULEMOT; OSTER, 1992) ou *gens de culture* (ROCHE, 1988). Interferindo não apenas na literatura, mas também em seus processos de “socialização”, trata-se de uma literatura em que se pratica o *ato poético*, em que se elucida a *consciência crítica* e se profere a *palavra falada*.

Os saraus contemporâneos e periféricos são um exemplo dessa literatura que se produz à margem e nas margens de *uma certa sociedade*, resultado de um *boom* de

favelas e periferias nos grandes centros urbanos da América Latina na década de 1980. Nascem como contraponto de uma cultura literária “centralizada” – nos vários sentidos que esse termo pode ter –, mas, sobretudo, como afirmação identitária de uma cultura marginalizada tanto em seus processos, quanto em seus produtos. Por isso, no entendimento de Lucía Tennina (2017), os saraus elevam a literatura a uma compreensão positivamente pragmática, isto é, como um território de culto à autoestima dos moradores da periferia, por meio da consciência de si mesmos e da valorização do coletivo.

Isso lhes confere, evidentemente, um sentido político, inserindo, nas palavras de Marcos Sanchez (2013), o político no poético. São espaços de criação literária em que o *ato político* se faz presente do início ao fim, como forma de resistência, mas também como memória e testemunho, em que o debate, o diálogo e mesmo as antinomias servem como princípio que anima a cena literária marginal. Em suma, trata-se de “[...] espaços de politização, debate e criação artística, que somam cada vez mais participantes e que servem como pontos aglutinadores para outras iniciativas políticas e culturais periféricas” (REYES, 2013, p. 15): Sarau da Cooperifa, Sarau do Binho, Sarau Elo da Corrente, Sarau das Mina, Sarau Poesia na Brasa, Sarau Suburbano Convicto... são muitas as “cenas” que ocorrem por toda a cidade, ampliando os sentidos da palavra poética e, ao mesmo tempo, amplificando vozes outrora silenciadas por processos sistemáticos de exclusão.

Esse jogo poético-político não prescinde da consideração das categorias de gênero e raça, na medida em que os saraus atuam, também, como instrumentos de empoderamento feminino – propondo a “[...] desconstrução da figura feminina considerada tradicional” (LAGO-LOUSA; CAMARGO, 2017, p. 210) – e valorização étnico-racial (DUARTE, 2014), em um deliberado movimento de tensionamento sociocultural. Assim, dotados de um universo semântico que passa pelos conceitos de resistência, consciência e mudança, os saraus cumprem, ainda, um papel social relevante, aglutinador, exibindo uma capilaridade estética incomum entre os “movimentos” artísticos mais socialmente reconhecidos e institucionalizados. Seu poder estético disruptivo, pode ser atestado, por exemplo, pelas antologias – coletivas ou não – que produzem, em processo editorial alternativo. É o que se pode verificar, a título de ilustração, nos prefácios das antologias produzidas pelo Sarau Poesia na Brasa, coletivo que se constituiu, formalmente, em 2008, embora o grupo atuasse junto, desde 2003, em ações educativas e afins, no bairro da Brasilândia, Zona Norte da cidade de São Paulo (SOUZA, 2014). De 2009 a 2014, o grupo publicou quatro coletâneas de poesia, além de outros livros e textos, cujos prefácios são sumariamente analisados em seguida.

Juliana Balduino (2009), em prefácio escrito para a primeira antologia do coletivo, lembra que os saraus literários surgem como forma de recriar a cultura a partir do olhar da periferia, tendo como um de seus princípios norteadores os “[...] desafios em nos conscientizar e conscientizar os demais habitantes [da periferia]” (p. 26). Para a autora, ainda, a literatura marginal/periférica – na qual se inserem os saraus – tem responsabilidade prática, de caráter social. Posicionamento semelhante pode ser observado no prefácio escrito por Ana Carolina Teixeira Maria (2010), para o segundo volume da antologia do Sarau Poesia na Brasa: nele, a autora, advogando a favor das “[...] experiências de quem vive a realidade concreta” (p. 128), não deixa de salientar o papel desempenhado pelos saraus como “instrumentos de mudança” (p. 129), capaz de levar a uma “ação consciente e crítica” (p. 129). A apologia do processo de conscientização, pactuado nos dois primeiros prefácios, parece resultar tanto na ideia de *mudança* quanto na de *resistência*, presentes nos dois seguintes. Com efeito, para José Sorá de Souza Queiroz (2011), prefaciador do terceiro volume da antologia, a importância dos saraus, para as periferias, pode ser assegurada na medida justa em que eles se inserem, nas suas palavras, num “movimento de mudanças” (p. 132). Já para Flávia Bischain Rosa (2012, p. 136), no quarto e último prefácio aqui analisado, “[...] o espaço do Sarau é também um foco de resistência”.

Como se vê, não é possível compreender um “movimento” tão complexo e amplo, como é o dos saraus periféricos contemporâneos, sem ter em conta processos heterogêneos de posicionamento político, por meio dos quais se objetiva uma multifacetada acomodação de demandas sociais e culturais historicamente reprimidas. Do ponto de vista discursivo, os saraus abrangem demandas igualmente urgentes, expressas em seu entusiasmo por uma linguagem literária que se quer, a um só tempo, singular e insubordinada, consubstanciada em dois princípios que, juntos, perfazem o que podemos chamar de um *estilo* próprio dos saraus literários: a transgressão da norma padrão da linguagem e o enaltecimento da oralidade. Nesse sentido, rasurar o código linguístico-literário passa a ser o mote pelo qual toda a produção poética dos saraus se guia, como forma de elidir, de modo bastante incisivo, rituais discursivos consagrados. E nisso, como lembra Mariana Filgueiras (2018), os saraus aproximam-se substancialmente de uma manifestação similar, que tem ocupado, cada vez mais, os espaços públicos e citadinos: o *poetry slam*.

Manifestação literária que surge nos Estados Unidos na década de 1980, espalhando-se, na sequência, por várias partes do mundo, o *slam* consiste numa espécie de “batalha poética”, que envolve *performance*, declamação, linguagem poética e outros elementos de natureza “literária”. Esta espécie de *repente contemporâneo*, nas palavras de Márcia Pereira (2017), afirma-se como expressão estética assentada, basicamente,

mas não exclusivamente, em três princípios: um princípio geopolítico, na medida em que tende a ocorrer em espaços públicos, além de promover um deslocamento territorial, ao incorporar a e se incorporar na periferia; um princípio linguístico, no sentido de favorecer uma espécie de desconstrução gramatical, por meio da ruptura com o grafocentrismo e a assunção da oralidade; um princípio ideológico, que faz do tensionamento político e da enunciação crítica um de seus valores mais relevantes. Em conjunto, tais princípios fazem do *slam*, como já dissemos uma vez (SILVA, 2018), uma espécie de *microssistema divergente*, próprio de realidades sociais periféricas e marginalizadas.

É exatamente essa sua vocação para o embate – afinal, estamos falando de uma *batalha* de poesia – que o torna também, como lembra Javon Johnson (2017), um dos canais de resistência à violência cotidiana, experienciada por comunidades socialmente vulneráveis e/ou discriminadas. Uma expressão, portanto, visceralmente marcada pelo espírito libertário da palavra falada:

O *slam* é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, e onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não) [...] É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala e algo mais fundamental num mundo como o que vivemos: a escuta (D'ALVA, 2014, p. 119).

Com efeito, é o poder da palavra, da *palavra poética* – divergente, lancinante e incisiva, mas, nem por isso, menos esteticamente sublime – que os poetas do *slam* (também chamados de *slammers*) cultivam com suas poesias faladas, *proferidas* em voz alta pelos quatro cantos das cidades. Como lembra um deles, a poeta Ryane Leão, numa de suas poesias, “[...] não adiante tapar os ouvidos / porque cicatriz aberta / não ecoa só por fora / mas por dentro” (DUARTE, 2019, p. 203).

Para não concluir

Falar sobre a literatura que se produz *fora* de seus espaços convencionais de criação, divulgação e recepção é sempre um inquestionável desafio, sobretudo por se tratar de uma produção em franca ebulição e progresso. Como toda manifestação nova, há uma considerável propensão a mudanças, variações, deslocamentos de toda ordem, o que torna sua apreensão crítica ainda mais custosa, sujeita à natural instabilidade dos processos em desenvolvimento. É o caso das expressões estéticas a que aqui nos

referimos, todas elas não apenas relativamente recentes no cenário artístico brasileiro, mas, principalmente, atos artísticos em construção...

Esse empenho estético pode ser ilustrado pelos versos bem acabados de Sérgio Vaz (2007), que servem também como profissão de fé de uma espécie de impulso artístico coletivo:

A minha poesia,
apesar de pouca e rala,
cabe na tua boca
dentro da tua fala.

Apesar de leve e rouca,
chora em silêncio
mas nunca se cala.

E apesar da língua sem roupa,
não engole papel,
cospe bala! (p. 25)

Expressões ficcionais “da rua”, a poesia visual dos cartazes, a expressão vocal dos *slams*, a récita verbal dos saraus, enfim aquela literatura que ocupa os *loci* da cidade e com ela estabelece um pacto dialogal, reverbera a própria porosidade do espaço urbano, o que faz dessa expressão verdadeiro cântico dissonante em escala bem compassada.

Referências

- BALDUÍNO, J. Prefácio: Os saraus literários. In: **Sarau Poesia na Brasa**. Antologia: Coletivo Sarau Poesia na Brasa. v. I, 2009. p. 25-26.
- BAUDRILLARD, J. **A Troca Impossível**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.
- CANCLINI, N. G. **A sociedade sem relato**. Antropologia e estética da iminência. São Paulo, Edusp, 2012.
- D'ALVA, R. E. **Teatro hip-hop**. A performance poética do ator-MC. São Paulo, Perspectiva, 2014.
- DUARTE, E. de A. (Coord.). **Literatura afro-brasileira**. 100 autores do século XVIII ao XX. Rio de Janeiro, Pallas, 2014. [2 volumes].
- DUARTE, M. (Org.). **Querem nos calar**. Poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- ECO, U. **Sei passeggiare nei boschi narrativi**. [S.l.]: Casa Editrice Club, 1995.

FILGUEIRAS, M. Em alto e bom som: a força da literatura oral no Brasil hoje. **Palavra - Sesc Literatura em Revista**, São Paulo, ano 9, n. 8, p. 10-19, 2018.

GOMES, R. C. A cidade moderna e suas derivas pós-modernas. **Revista Semear**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 29-37, 2000. Disponível em: <http://www.gabrieltorres.xpg.com.br/puc/cidade_moderna.pdf>. Acesso em: 2021.

GOULEMOT, J. M.; OSTER, D. **Gens de Lettres, Écrivains et Bohèmes**. L'Imaginaire Littéraire. 1630-1900. Paris, 1992.

GUINZBURG, J. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Edusp, 2012.

LAGO-LOUSA, P.; CAMARGO, F. P. Poesia periférica de autoria feminina como ruptura e resistência. **Boitatá**, n. 23, p. 207-223, jan./jul., 2017.

LEFEBVRE, H. **La Revolución Urbana**. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

JOHNSON, J. **Killing Poetry: Blackness and the Making of Slam and Spoken Word Communities**. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 2017.

LUDMER, J. Literaturas pós-autônomas. **Sopro**, Desterro, n. 20, p. 1-3, jan. 2010.

MARIA, A. C. T. Prefácio. In: **Sarau Poesia na Brasa**. Antologia: Coletivo Sarau Poesia na Brasa, v. II, 2010. p. 128.

MIRANDA, W. M. A pós-crítica e o que vem depois dela. **Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado**, Recife, p. 1-4, 2018. Disponível em: <<https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores/71-ensaio/2043-a-p%C3%B3s-cr%C3%ADtica-e-o-que-vem-depois-dela.html>>. Acesso em: 2021.

OLIVEIRA, L. A. de. **Experiências estéticas em movimento: a produção literária nas periferias paulistanas**. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2020.

PEREIRA, M. M. Slam: uma nova forma de fazer poesia. **Estadão Educação**, São Paulo, 15 nov. 2017. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/instituto-singularidades/slam-poesia/>>. Acessado em: 25 jul. 2021.

QUEIROZ, J. S. de. Prefácio: Sarau na Brasa – é preciso imaginar para encontrar a realidade. In: **Sarau Poesia na Brasa**. Antologia: Coletivo Sarau Poesia na Brasa. v. III, 2011. p. 131-133.

REYES, A. **Vozes dos porões**. A literatura periférica/marginal do Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

ROCHE, D. **Les Républicains des Lettres**. Gens de Culture et Lumières au XVIIIe Siècle. Paris: Fayard, 1988.

ROSA, F. B. Pelo direito à poesia, um convite à ousadia. In: **Sarau Poesia na Brasa**. Antologia: Coletivo Sarau Poesia na Brasa. v. IV, 2012, p. 135-136.

SANCHEZ, M. Literatura marginal brasileira ultrapassa fronteira das periferias. **Carta Capital**, São Paulo, 3 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/literatura-marginal-brasileira-ultrapassa-fronteira-das-periferias-5314/>>. Acessado em: 21 abr. 2020.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Cena do crime**. Violência e realismo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SILVA, M. Ultrapassando limites, desfazendo fronteiras: a literatura marginal brasileira. **Iberoamérica Social**: Revista-red de estudios sociales, Sevilha, v. X, n. 6, p. 124-149, jun. 2018.

SOUZA, E. G. de. **Literatura da Periferia de São Paulo como Prática Educacional**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014.

TENNINA, L. **Cuidado com os poetas!** Literatura e periferia na cidade de São Paulo. Porto Alegre: Zouk, 2017.

VAZ, S. **O colecionador de pedras**. São Paulo: Global, 2007.

VIANA, D. Poetas de rua: a via literária na via urbana. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 11, p. 71-90, dez. 2020.

WALTY, I. L. C. **A rua da literatura e a literatura da rua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.